Ano XXIII — Lisboa, Junho de 1967 — N.º 266

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista · Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

O Inquérito de «Sempre Pronto»

O ÚLTIMO DEPOIMENTO

Meus caros Camaradas:

Deixem-me também a mim, velho escoteiro, dizer de minha justiça respondendo ao vosso interessante inquérito aberto há tempos nesse belo jornal.

Afastado há longos anos do Escotismo, não posso esquecer nem negar o que lhe devo, porque grande foi o seu contributo para a formação do meu carácter e para o meu robustecimento físico. Creio bem que, se jamais fosse escoteiro, seria hoje, com todos os defeitos humanos que possuo, um homem diferente do que sou.

Estou certo, portanto, de que o meu depoimento não será despiciendo por vir de quem entrou para o Escotismo no limiar da adolescência e nele se manteve até depois de ter entrado na idade viril. Mas o facto de ter abandonado as fileiras do Movimento não significa que deixasse de ser escoteiro. Baden-Powell, com todo o seu talento de grande educador, escreveu um dia que quem uma vez foi escoteiro, para sempre escoteiro ficou: Once a Scout, always a Scout.

A triste verdade, porém, é que, de tantos milhares de rapazes que passaram pelo Movimento, só talvez escassas dezenas o tivessem vivido *para continuarem escoteiros pela vida fora.*

Sim, meus Amigos: é preciso ter vivido os ideais do Escotismo para o compreender, em extensão e em profundidade. E isto explica, quanto a mim, o fracasso do Movimento, em Portugal e no Mundo.

Perguntais vós «por que será que o Escotismo não atingiu ainda em Portugal o desenvolvimento que alcançou noutros países?»

Parece-me, pelo que me tem sido dado observar pelos anos fora, que também em outros países da Europa o Movimento não alcançou o desenvolvimento que o Fundador sonhou quando um dia o viu ultrapassar os limites da Grã-Bretanha. De facto, não são os efectivos numerosos que demonstram o êxito de um movimento com o carácter do nosso, mas sim o espírito *que anima aqueles que o compõem.*

E vede, Amigos meus: se o espírito do Escotismo tivesse penetrado fundo na alma da maioria dos rapazes que a ele pertenceram no passado, seria possível a deflagração da II Guerra Mundial, com todo o seu cortejo de horrores inenarráveis? Poderia conceber-se que homens, penetrados dos ideais preconizados por B.-P., levassem a efeito friamente as hecatombes e as chacinas de que o Mundo foi pávida testemunha desde 1939 a 1945, pelo menos? Não esqueçamos que, em determinada altura, houve países em que o Estado fomentou a criação de movimentos juvenis, que foram buscar ao Escotismo tudo o que o Fundador criara para aliciar os jovens, aquilo a que pode chamar-se a «fachada exterior», mas baniram violentamente o espírito do Movimento tão lapidarmente cristalizado na Lei.

Mas a nós, Portugueses, são as causas locais do fracasso do Escotismo que interessam acima de tudo, e essas, olhando o passado de há 40 anos (pois o presente o desconheço por completo, vivendo longe do Movimento), creiam que são de vária natureza e há muito tempo já deveriam ter-se imposto a todos quantos, desde a fundação da

Continua na pág. seguinte

INICIATIVA DE UTILIDADE EVIDENTE

Com um valioso trabalho do nosso colaborador e prezado amigo sr. Prof. A. Álvaro Dória, damos por terminado o inquérito que houvemos por bem levar a efeito entre algumas das entidades que ao escotismo têm oferecido o melhor do seu carinho, do seu estudo e da sua inteligência.

Bastaria este último depoimento para dar significado a esta iniciativa. No entanto, todos os trabalhos publicados possuem inegável interesse e vantajosas tomadas de posição. Será suficiente lê-los para se ter uma impressão bem nítida dos males que afligem o nosso movimento, das virtudes que contém, assim como da terapêutica a que se pode recorrer para atacar a ancilose de que dá mostras.

Elucidativo é o ponto de vista defendido por todos os articulistas de que é necessária uma mobilização de esforços para incrementar o nosso movimento, por que deixar as coisas tal como estão é uma imperdoável falta de lesa-juventude em que nenhum dirigente escotista digno deste nome, quererá incorrer.

«Sempre Pronto» sente-se feliz por ter levado a cabo este empreendimento, porque reconhece não só a utilidade que ele pode representar para o nosso movimento, mas também a oportunidade que, através da iniciativa, todos tivemos de escutar as considerações de algumas individualidades, proveito que não se teria ganho se não fosse o ensejo que o inquérito forneceu.

Este jornal vai agora colocar os trabalhos nas mãos da dig.ma Direcção dos Escoteiros de Portugal, a fim de que os seus ilustres membros fiquem em condições de ponderar os pontos

Continua na pág. 7

A. E. P., tiveram, em qualquer sector, funções de direcção, de chefia ou de orientação.

Há causas que resultam da diversidade de idiossincrasia entre Portugueses e Ingleses. Foi para estes que B.-P. criou o Escotismo, partindo, portanto, da experiência do seu convívio com jovens, educados britânicamente, que deveriam ser treinados, e até reeducados, de acordo com os métodos de self-control usados há séculos além-Mancha.

Há causas que resultam da nossa maneira especial de ser, avessa a toda a disciplina interior, actuando por ímpetos e impulsos de entusiasmo, breve extintos por falta de élan vindo de dentro, habituados sempre a contar com a ajuda de outrem na esperança de que o «empenho» surta o efeito desejado, e muitos outros que vós bem conheceis.

Ao fim de tantos anos, convenci-me de que o fracasso do Escotismo em Portugal resultou da maneira errada como o Movimento se introduziu aqui, copiando ipsis verbis aquilo que B.-P. escreveu e se dirigia aos jovens ingleses. Se se fizeram adaptações progressivas em certos aspectos externos, por não se admitir que se copiasse aquilo que só poderia ser compreendido pelos rapazes das Ilhas Britânicas, por que não se procurou, ao mesmo tempo, adaptar ao nosso meio os processos educativos do Escotismo, concebidos, insisto, por um inglês para ingleses?

É certo que os nossos jovens, por defeito da nossa educação histórica, não podiam, nesse tempo, sofrer comparação com os jovens da Grã-Bretanha, e o Escotismo tendia, exactamente, a corrigir os defeitos da nossa educação.

Mas se os ideais do Escotismo eram e são de admirável concepção, o que impunha a sua aplicação ao nosso País, por outro lado assentavam numa base ética e pedagógica desconhecida da nossa Escola, pelo que seria inevitável dentro em breve o conflito entre a pedagogia escotista e a tradicional portuguesa, de que os nossos jovens eram o triste fruto.

B.-P., ao gizar os fundamentos básicos do Escotismo, tinha, repito ainda uma vez, em mente o jovem britânico, educado secularmente para o self-control e habituado à autodisciplina que constituíra o segredo da expansão da Grã-Bretanha no Mundo. Quando escolheu o «moto» de Be Prepared (que nós traduzimos por «Sempre Pronto», os Escoteiros Unionistas franceses por Sois Prêt e os italianos por Estote parati), fê-lo na certeza antecipada de que se dirigia a rapazes aptos para o compreenderem, por terem sido criados e educados em ambiente que os preparava para muito cedo dependerem de si próprios e não dos outros, familiares ou semelhantes.

Incutir no espírito dum jovem português de 1912, ou mesmo de 1920, que deveria estar «sempre pronto» para cumprir o seu dever, para consigo próprio e para com o próximo, era um erro cujas consequências se tornaram patentes ao verem-se rapazes saídos do ambiente «morno» da família portuguesa lançarem-se, por entusiasmo ocasional ou pelo desejo de aventura (sempre latente no coração de todos os jovens), na vida dos acampamentos, onde teriam de depender de si mesmos, para ali poderem disfrutar de um mínimo dessas comodidades com que habitualmente os rodeavam em casa. E quantas vezes, ao voltarem ao lar, as mães ou os pais desses rapazes não manifestaram a sua indignação por verem chegar os filhos suados, com risco de apanharem uma pneumonia (!), cheios de arranhões ou de pisaduras por quedas durante os exercícios, ou pelas peripécias dos jogos de campo! Muitos pais não compreenderam de relance que o Escotismo seria o seu mais precioso auxiliar, apenas considerando os meios de que o Movimento se serve para aí chegar, daí nascendo esse aspecto antipático por mim observado tantas vezes: haver «castas» dentro dos grupos apesar do uniforme igualizador.

Como conseguir triunfar desses handicaps que, segundo creio, ainda hoje afligem o Escotismo? Evidentemente que o primeiro «peão» a deslocar nesta espécie de xadrez era, é e sempre será o Escoteiro-chefe. Infelizmente, mal vai ao Escotismo se ainda se recrutam os Chefes como noutro tempo muitas vezes se fazia.

B.-P. a cada passo insiste no «exemplo» do Chefe. Nesse belo breviário (que julgo poucos Escoteiros-chefes conhecem hoje, embora exista uma muito boa tradução francesa) e é o Aids to Scoutmastership, escreveu ele (pág. 37), que o «êxito na preparação do rapaz (...) depende em grande parte do próprio exemplo pessoal do Escoteiro-chefe». Os sublinhados são do autor. E páginas adiante insiste (pág. 46): «Não há ensino que se compare ao exemplo. Se o Escoteiro-chefe pessoalmente cumprir, de forma evidente, a Lei do Escoteiro em todos os seus actos, os rapazes ràpidamente seguirão o seu exemplo».

E já no Scouting for Boys ele se referira ao valor do exemplo dizendo: «A atitude do Escoteiro-chefe tem a maior importância, pois os rapazes formam o seu carácter muitíssimo pelo seu exemplo. Portanto, é dever dele considerar a sua posição em plano mais vasto do que no meramente pessoal e estar pronto a esquecer o seu próprio sentir para bem da comunidade. Esta é a verdadeira disciplina». E logo abaixo corrobora: «A nossa educação faz-se em grande parte pelo exemplo» (9.ª ed., pág. 308).

O Inquérito de

Efectivamente, meus Amigos, de que serve a um Escoteiro-chefe frequentar assìduamente um curso especializado, tornar-se hábil nas ficelles du métier (como se diz em França), apresentar o seu grupo em paradas com os rapazes rìgidamente formados, bandeiras e bandeirolas a tremular ao vento, marchando depois compassada e impecàvelmente ao rufar dos tambores, se esse Chefe (possuído do que os franceses chamam o esprit pompier) ignora esta coisa elementar e altamente importante — a «alma» do rapaz? Não basta ter amor ao Escotismo para se poder ser um bom Chefe. O importante, o que é basilar, fundamental, imprescindível é que esse Chefe tenha sentido o espírito do Movimento. O fim do Escotismo não é preparar os rapazes para amanhã poderem ser bons soldados, mas APENAS formar-lhes o carácter revigorando-lhes o corpo. Pode-se ser bom soldado, sendo-se mau cidadão, mau filho, mau irmão e mau pai, o que explica que tantos heróis, que se celebrizaram nos campos de batalha, atraiçoassem depois o seu palmarès voltando-se contra a própria pátria. O exemplo mais conspícuo que de momento me ocorre é o do «Grande» Condé, para não ir mais longe ao lendário Coriolano. Se a formação moral destes homens fosse a que seria de esperar de quem fora investido em importantes funções de comando, jamais teriam cometido o crime de levantarem armas contra a sua própria terra.

Por isso B.-P., esse grande nome que a História da Educação não pode, sem injustiça, ignorar, escreveu que no desenvolvimento do carácter «assenta o mais importante objectivo do treino do Escotismo — educar; não instruir, fixem bem, mas educar, isto é, levar o rapaz a aprender por si, pelo seu próprio desejo, as coisas que contribuem para lhe formar o carácter» (Aids. Pág. 43). E na página imediata insiste: «A educação é que conta para formar o carácter e fazer homens».

Vê-se, portanto, meus Amigos, que se o Chefe não começar por ter «carácter», toda a sua obra se mareará. Escreveu o Fundador no mesmo belo livro que tenho vindo citando: «O primeiro passo para o êxito em educar o rapaz é conhecer alguma coisa acerca dos rapazes em

«Sempre Pronto»

geral e depois acerca deste rapaz em particular» (Pág. 28).

Como é possível que um jovem de 18, 20 ou mesmo 25 anos possa desempenhar-se cabalmente da sua missão de Chefe, se ele mesmo não possui conhecimentos de psicologia infantil ou do adolescente para que os seus rapazes possam sentir a influência da técnica pedagógica escotista, que se deve utilizar sem o deixar a perceber? Esse foi o fracasso de tantos Chefes no passado; creio que não me afastarei para muito longe da verdade se disser que tal situação subsiste ainda hoje, talvez agravada com a divergência profunda que há entre o meio actual e o de há 40 anos, independentemente das divergências sempre existentes entre duas épocas tão distantes.

Os rapazes de hoje têm solicitações muito mais variadas do que as que os de há quatro décadas tinham. O Mundo, se fora então já sacudido pelo violento tufão da I Grande Guerra, não o fora tão profundamente como aconteceu depois da II Guerra Mundial. Nesses tempos, que hoje se nos antolham idílicos, sobretudo aos saudosistas (incapazes de compreenderem e acompanharem a evolução dos tempos), não haviam aparecido ainda os chamados «jovens desajustados», nem as solicitações do sexo eram tão patentes como hoje são.

Podia-se, então, com boa vontade e devoção pelo ideal, tentar desviar rapazes do mau caminho, apesar de muitas vezes as famílias não colaborarem com os Chefes conscienciosos.

Hoje isso torna-se muito mais difícil, sobretudo pela voga de rebeldia juvenil que tem varrido o Mundo dando celebridade a teddy-boys, beatnicks, provos, blousons noirs *e outros que tais. Deixarei para melhor oportunidade, meus Amigos, a discussão do problema relativo a essa classe de jovens «desajustados», a que aqui me referi por vir a propósito. Mas sempre lhes direi que acho excessiva a condenação liminar de certas pessoas que já esqueceram a sua mocidade ou são pouco lidas em história, aliás esta lhes ensinaria que o fenómeno, por antigo, não é inédito. E se os princípios éticos do Escotismo tivessem sido incutidos no espírito desses jovens (pois muitos deles passaram pelas fileiras do Movimento), jamais teriam descido ao ponto de se envergonharem aos seus próprios olhos pela prática de actos que a inteligência e a razão condenam* in limine.

Os tempos mudaram, não apenas considerados do ponto de vista cronológico, inevitável, mas também e profundamente no campo educativo e moral. Se é com satisfação que verifico que, sob muitos aspectos, houve progresso, noutros houve retrocesso lamentável e lastimoso.

De qualquer forma parece-me que, entre nós, o Escotismo não soube, não pôde ou não quis evoluir com os tempos, não me competindo investigar as razões do fenómeno (o que me desviaria muito do meu escopo), mas tão-sòmente notá-lo para ele chamando a atenção dos responsáveis.

Estou em crer, levado não já pelo que vi e analisei de há 40 anos para trás, mas pelo que me tem sido possível concluir por dedução através das páginas de Sempre Pronto, *que, com muito raras excepções, os grupos de Escoteiros se limitam a «marcar passo», vivendo do legado do passado, desses fundamentos abertos pelos pioneiros da Idade Heróica, de que fui um dos mais modestos e apagados, orgulhando-me todavia de ter pertencido a tão briosa falange.*

No estado de marasmo a que chegou o Movimento não vejo possibilidade de sair daí ràpidamente, o que, aliás, se me afigura contraproducente.

Atendendo à nossa idiossincrasia de Portugueses, pouco habituados ainda hoje ao estudo consciencioso de um plano porque nos deleitamos sobretudo com a improvisação; atendendo a que em vez de nos dedicarmos com afinco e tenacidade ao nosso trabalho, procurando briosamente aperfeiçoar-nos e levar o mais longe possível a nossa especialização, empregamos as nossas energias em pugnas clubistas, de interesse meramente local e restrito, enquanto a fortuna a procuramos obter através do Totobola (desbancada como foi a Lotaria da Santa Casa...); atendendo a que, por razões atávicas (a despeito de, por obra do infante D. Henrique e do seu inteligentíssimo continuador o «Príncipe Perfeito», ter havido umas décadas largas em que os Portugueses aprenderam a traçar planos e a realizá-los, ainda que com perigo da vida), confiamos tudo da sorte (B.-P. escreveu: «O que em geral se chama sorte é na realidade em grande parte a capacidade de aproveitar a oportunidade, saltar sobre ela e agarrá-la». Rovering to Success. *Pág. 50) e muito pouco do nosso esforço e das nossas capacidades; atendendo a estes defeitos históricos que nenhum regime procurou corrigir e até eliminar, parece-me que o que se impõe, em primeiro lugar, é estudar uma forma de adaptação inteligente do Escotismo ao temperamento da juventude portuguesa, fugindo, todavia, de assentar as suas bases num patriotismo saudosista e estático (quando não extático), mas, em vez disso, num são patriotismo construtivo que não leve os Portugueses a alhear-se do Mundo de que fazem parte.*

Depois, acho que é imperiosa uma rigorosa selecção de Chefes, acabando de vez com os jovens sem qualidades educativas e de verdadeiros leaders, *no que o termo tem de nobre e elevado, salvantes, evidentemente, as excepções por parte daqueles que já deram as suas provas de capacidade para as funções em que os investiram e, portanto, estão aptos a* to paddle his own canoe.

Não basta, segundo se me afigura, haver escolas de Chefes, porque o que eles ali vão buscar é apenas os ensinamentos que os habilitem a manejar com habilidade e perícia a «ferramenta» que o Escotismo lhes depõe nas mãos. Há outra espécie de «ferramenta» que é preciso manejar com mais habilidade e perícia do que a outra: é a alma do jovem, é esse quid *subtil, imponderável, que é como é e não pode ser diferente, ligado como está ao fenómeno da geração, pelo que se impõe ao Chefe a missão de insinuar os moços a procederem de certa maneira diferente daquela que lhes impõe a sua consciência e se lhes afigura a melhor porque é a habitual no seu meio. É aí que está o eixo em volta do qual deve girar a grande roda do Movimento: se assim não for, emperrará, e tudo aquilo que se fizer não passará de mascarada.*

Temos graves defeitos, repito, que a nossa educação histórica agravou. O objectivo que o Escotismo deve ter em vista deve ser exactamente este: conseguir, paulatim sed firmiter, *corrigir esses defeitos nos jovens que se lhe entregam com entusiasmo para que esses jovens, futuros pais, possam já educar seus filhos dentro dos princípios que lhes incutiu o Movimento, desta forma se iniciando o que poderemos chamar uma «reacção em cadeia» que venha a concluir pela modificação do carácter dos Portugueses no que ele tem de mau e deles tem feito indisciplinados, derrotistas e exaltados, com intervalos de profundo desânimo.*

Uma vez feita a selecção dos Chefes, deverá fazer-se a reorganização dos grupos de acordo com os novos princípios básicos do Movimento, lançando-se depois uma campanha, inteligentemente conduzida, com o objectivo de chamar de novo a atenção dos Portugueses para os fins do Escotismo, insistindo sobretudo no escopo a que ele visa e é o revigoramento físico e moral dos jovens. Quer dizer, há que começar de novo...

E por que não? Já Kipling, o grande escritor que foi grande

Continua na pág. 7

DOS AÇORES

ILHA TERCEIRA

Comemorações do Dia do Escoteiro

Rádio Clube de Angra

Para comemorar o Dia de S. Jorge, e como é já tradicional, o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, dirigente do Grupo 52 da Associação dos Escoteiros de Portugal, proferiu uma palestra alusiva a S. Jorge e ao Movimento Escotista, aos microfones de «A Voz da Terceira», de Angra do Heroísmo.

Confraternização Escoteira

Promovidas pelas unidades do C. N. E. da Praia da Vitória e do Seminário de Angra, realizaram-se várias actividades escotistas, no dia 23 de Abril, na Vila da Praia, constantes de desfile, missa, promessas e lanche de confraternização, seguido duma tarde escotista, na esplanada da Filarmónica União Praiense, que decorreu num ambiente de franca camaradagem.

Estiveram presentes delegações de outros agrupamentos do CNE e uma representação do Grupo 52 da A. E. P., de Angra do Heroísmo.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

Realizou-se no Salão de Festas do Sport Club Angrense, desta cidade, a reunião anual do Núcleo de Angra do Heroísmo da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, durante um almoço ali servido, com esmerado serviço a cargo do Restaurante Beira-Mar.

Presidiu à reunião o delegado da Fraternal nos Açores, E. C. Moniz Silva, acompanhado dos componentes do Núcleo de Angra, Virgílio O. Pires Toste, Eduardo F. Gomes da Silva e Norberto Barcelos Borba. Estiveram presentes mais os seguintes companheiros: Dr. Francisco Mendes Pereira, António D. Ferreira, Aurélio Bett. Borges, José Borges Nunes, Henrique T. de Sousa, Valdemar Mota, prof. Leopoldino R. Tavares, Eng. Fernando Cordeniz Fagundes, Ludgero Morais Moreira; e o membro da C. P. do Grupo 52 da AEP, Artur Moniz Silva.

Depois duma breve saudação, pelo Delegado da Fraternal, recordaram-se os Companheiros ausentes e fizeram-se várias afirmações interessantes acerca do Movimento, ao recordarem-se antigas actividades e algumas peripécias.

C.

ILHA DE S. MIGUEL — PONTA DELGADA

O Grupo n.º 80 dos Escoteiros de Portugal comemorou em 23 de Abril o Dia do Escoteiro, tendo içado, na sede, perante formatura do Grupo, as bandeiras nacional e escoteira, depois do que os dirigentes e escoteiros assistiram à missa dominical no Mosteiro da Esperança.

À saída, o Grupo prestou guarda de honra ao sr. Virgílio Lory, chefe regional dos Açores, que assistiu à cerimónia na companhia de sua esposa. O Grupo desfilou depois através das ruas da cidade, perante o interesse da população.

À tarde, na sede, efectuou-se uma sessão comemorativa do Dia de S. Jorge, a que assistiram muitas famílias dos escoteiros, sócios e amigos do Escotismo. Prestaram compromisso de honra quatro novos escoteiros e dois novos lobitos fizeram promessa.

O Chefe de Tribo fez uma palestra sob S. Jorge e o Chefe do Grupo agradeceu a presença de tantos amigos, tendo a festa terminado com a projecção de filmes culturais.



O Escotismo através do Mundo

ITÁLIA

Realiza-se este ano o III Prémio Internacional de Pintura e Fotografia Escotistas

À semelhança dos anos anteriores, realiza-se de 10 a 24 de Setembro p. f., em Arco, na Itália, este concurso, que nas duas primeiras realizações obteve êxito assinalável.

O certame tem os seguintes regulamentos:

a) *Prémio Internacional de Fotografia Escotista «Arco d'Oro 1967».*

1. Foi aberto um concurso internacional entre jovens amadores para uma fotografia a branco e preto (formato reduzido a 18 × 24) ou a cores (12 × 18) e diapositivos em cores. O assunto deve ser relativo ao meio ou à natureza onde se desenvolve a vida escotista.

2. As fotografias deverão chegar, antes de 31 de Agosto de 1967, à SEGRETERIA PREMI SCOUTS — ARCO (Trento) — ITÁLIA. Para a inscrição, cada fotografia deve ser acompanhada de 6 francos franceses.

3. No verso de cada fotografia, escreve-se a legenda e o pseudónimo que deve corresponder ao que será repetido no exterior de um sobrescrito bem fechado. Este conterá, com exactidão, o nome, a idade e o endereço do concorrente, bem como as informações técnicas (aparelho fotográfico, tempo de exposição, diafragma e película). Os escoteiros ajuntarão também o nome da sua Associação.

4. Um júri escolherá as fotografias que serão admitidas na Exposição e atribuirá o Prémio Internacional ARCO D'ORO e outros prémios aos melhores trabalhos, em 24 de Setembro de 1967.

b) *Prémio Internacional de Pintura Escotista «Olivo d'Oro 1967».*

1. Foi aberto um concurso internacional entre jovens amadores para a execução de um quadro de género tècnicamente livre e que deve ter como assunto o meio e a natureza onde se desenvolve a vida dos escoteiros.

2. Os trabalhos deverão chegar. antes de 31 de Agosto de 1967, à SEGRETERIA PREMI SCOUTS — ARCO (Trento) — ITÁLIA. Para a inscrição, cada quadro deve ser acompanhado de 6 francos franceses.

3. Cada quadro deve ser completado com um suporte. No verso, será escrito o título e o pseudónimo que se repetirá no exterior de um sobrescrito bem fechado. Este conterá, com exactidão, o nome, a idade e o endereço do concorrente, bem como o nome da Associação a que este pertence, no caso de ser escoteiro.

4. Um júri escolherá os quadros que serão admitidos na Exposição e atribuirá o Prémio Internacional OLIVO D'ORO e outros prémios aos melhores trabalhos, em 24 de Setembro de 1967.

Festival Internacional do Filme Escoteiro

O escoteiro Rui Horácio Filipe Macedo participou no concurso para um cartaz deste Festival, que se realiza todos os anos em Veneza.

O trabalho de Rui Macedo, que pertence ao Grupo n.º 94, de Lisboa, foi executado segundo o sistema de colagens e pintura.

Ignora-se qual a classificação que obteve.

A Administração de «Sempre Pronto»

Com o intuito de conseguirmos um cooperador para os serviços de Administração deste jornal, dirigimos convite ao antigo escoteiro sr. Luís Garcia Inácio para assumir as funções de Administrador Adjunto.

O convite foi aceite, pelo que está de parabéns o nosso camarada sr. Capitolino Ferreira Macedo, administrador de «Sempre Pronto», que passa a contar com um excelente colaborador, e até o próprio jornal, por ter mais uma dedicação ao seu serviço.

Seja bem-vindo o novo membro da equipa de «Sempre Pronto».



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Um inimigo terrível — A vaidade

Um grande pregador disse uma vez do púlpito umas palavras relativas à consciência de alguns, nobres no proceder e generosos nos sentimentos, que merecem ponderação... «Dessa majestosa e serena hombridade, dessa austeridade serena e viril, que defronta, sorrindo, as calúnias e desconsiderações sociais, que não dá um passo oblíquo para ganhar uma posição elevada».

A indiferença do que se possa dizer, a altivez perante a má língua e, sobretudo, a deliberação de nunca tomar por veredas tortuosas e sombrias, embora mais rápidas, mas por estradas rectas e claras, onde as intenções sejam transparentes, tais são as normas que devem nortear todo o carácter de boa têmpera.

Nunca dar um passo oblíquo para ganhar uma posição elevada... Se isto é verdadeiro em todas as situações, mais se evidencia ainda nas empresas em que o trabalho resulta não de um indivíduo, duma cabeça ou duma vontade, mas da comunidade inteira. Para haver cooperação, é mister que exista entendimento mútuo. E este só se obtém quando se vive num clima de confiança. Se um atraiçoar a lealdade que deve aos companheiros, as relações vão-se sentir no mais extremo da escala, como se se tratasse da transmissão dum choque a corpos vizinhos. Se quiser, por exemplo, sobrepor-se a outros, ansioso por conquistar uma posição, que julga lisonjear a sua vaidade ou aumentar o seu proveito, desengana tristemente os que o bem consideravam e provoca a repulsa daqueles que, sendo menos indulgentes, observam, sem deformações, atitudes tomadas.

A vaidade é um triste pecado! A nada conduz senão à perda do próprio que por ela se cega.

Prof. *António de Sousa Câmara.*

PORTUGAL

estará representado

no XII Jambori Mundial



A bandeira de Portugal tremulará sob os campos do Parque de Farragut porque o nosso país estará representado no Jambori da Amizade, que se realizará de 1 a 10 de Agosto próximo, nos Estados Unidos.

A delegação portuguesa será constuída por três escoteiros e um dirigente, sendo um escoteiro da Associação dos Escoteiros de Portugal e os restantes do Corpo Nacional de Escutas.

A Direcção da A. E. P., para escolher o seu representante, abriu concurso entre todos os escoteiros do país, devendo a escolha recair naquele que tivesse mais tempo de serviço, maior número de especialidades, bem como habilitações intelectuais.

Tendo em atenção os elementos apresentados, que foram atentamente apreciados e classificados, foi a seguinte a posição dos candidatos:

1.º — Rui Horácio Filipe Macedo — Grupo 94 — Lisboa, 47 pontos; 2.º — João Manuel Pereira de Matos — Grupo 2 — Lisboa, 37 pontos; 3.º — Jorge Henrique Morais Fernandes — Grupo 15 — Porto, 32 pontos; 4.º — José Alberto da Rocha Paiva — Grupo 44 — Gaia, 30 pontos; 5.º — José Manuel Camarada Veia — Grupo 60 — Vila Real de Santo António, 22 pontos; 6.º — António Proença Marques — Grupo 79 — Lisboa, 20 pontos; 7.º — José Manuel Fernandes Miragaia — Grupo 8 — Lisboa, 19 pontos.

Em face desta classificação, a Direcção escolheu o Escoteiro Rui Horácio Filipe Macedo para representar os Escoteiros de Portugal no Jambori da Amizade. A Direcção da A. E. P., aplicando um Fundo que foi posto à sua disposição, pagará a despesa de viagem, ficando a cargo do nosso representante as despesa de estadia e inscrição no Jambori.

O Escoteiro Rui Horácio F. Macedo tem 11 anos de serviço escoteiro, tendo começado a carreira como lobito, possui a primeira classe, tendo já prestado provas para Escoteiro da Pátria, possui o cordão de mérito de 12 especialidades, e as medalhas de assuidade, cobre; e dedicação e bons serviços, prata. Terminou agora com aproveitamento o 6.º ano do liceu e é filho do nosso dedicado Administrador, o companheiro Capitolino Ferreira Macedo, que à causa do Escotismo tem dedicado uma actividade intensa desde os anos da adolescência.

O nosso representante teve já a amabilidade de oferecer os seus serviços a «Sempre Pronto», pelo que os nossos leitores terão uma reportagem daquele grande acontecimento escoteiro, colhida directamente por quem tem o privilégio de participar naquela jornada de amizade mundial.

Também já se conhecem os nomes dos representantes do Corpo Nacional de Escutas que, com o escoteiro Rui Horácio de Macedo, compõem a delegação portuguesa.

São eles o chefe sr. Manuel Pedro Soares de Luna, de Lisboa, que dirigirá a delegação; e os escutas José Machado Lopes, de Bragança e Virgílio Meira Soares, de Portalegre, bem como o sr. P.e Américo Ferreira Alves, que será o assistente espiritual dos elementos de confissão católica da nossa delegação.

Estamos com João Trigueiros

De todos os depoimentos acerca do inquérito de *Sempre Pronto* no sentido de recolha de elementos para mais e melhor escotismo, salientamos, por rejeição de inovações, o de João Trigueiros.

De facto, o que revela pureza e não afecta os preconceitos sociais deve conservar-se. Misturar o que é útil e agradável, pelo contacto com a Natureza, com o que a sociedade, dado o materialismo que domina, vem invadindo tudo e todos, a ponto de se perder a noção do verdadeiramente belo, não é de protelar.

O maior mal dos nossos dias não será o afastamento das leis da Natureza? «Mais próximo da Natureza, mais próximo de Deus» e o escoteiro, que visa a prática de boas acções, atingirá tanto melhor os seus fins, quanto mais afastado dos centros de diversões, como bares à americana, bailes com *jazebanda* e tuístes, numa palavra, o que nos oferecem os que não alcançam algo que possa contribuir para a elevação espiritual que se impõe.

Joaquim de Sousa Piscarreta

ANTIGOS ESCOTEIROS

A Fraternal elegeu novos corpos gerentes

No dia 23 de Maio p. p., reuniu o Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, para eleger os Corpos Gerentes para o biénio de 1967--68.

Os trabalhos foram dirigidos pelo sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, presidente do Conselho Nacional, que foi secretariado pelos srs. António Xavier de Brito e Wolfgang Karl.

Os Corpos Gerentes eleitos têm a seguinte constituição:

Conselho Nacional:

Presidente — Dr. Francisco Cortez Pinto.
1.º Vice-Presidente — Rev. Eduardo Moreira.
2.º Vice-Presidente — D. Maria Luísa Magalhães Esteves Pereira.
1.º Secretário—António Francisco Xavier de Brito.
2.º Secretário — Luís Alves Miguel.

Direcção:

Presidente — Humberto Martins.
Vice-Presidente — Gustavo Pereira da Costa.
1.º Secretário — Luís António dos Santos.
2.º Secretário — Manuel Paten Sá Viana.
Tesoureiro — Fausto Júlio Sacadura.
1.º Vogal — Júlio de Almeida Nogueira.
2.º Vogal — Ernesto Clímaco do Nascimento.

Conselho Fiscal:

Presidente — Eng.º José Maria Nobre Santos.
Secretário — Amílcar dos Santos Fernandes.
Relator — Eugénio Ribeiro Nunes.

No dia 6 do mês corrente, voltou a reunir-se o Conselho Nacional, agora para a apreciação do Relatório e Contas do exercício do biénio 1965-66, parecer do Conselho Fiscal e posse dos Corpos Gerentes eleitos na reunião anterior.

Tendo a Mesa a mesma constituição da reunião anterior, o sr. Presidente deu início aos trabalhos. Alguns dos companheiros fizeram uso da palavra para tecer referências ao trabalho realizado.

No final, o Relatório e as Contas foram aprovados por unanimidade.

A seguir, tomaram posse os membros presentes dos novos Corpos Gerentes.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

DOENTE — O nosso bom amigo e assinante sr. Armando Gomes Lino, antigo escoteiro-chefe do Grupo n.º 53, tem estado afastado das suas ocupações, por motivo de doença. Fazemos votos de rápidas e completas melhoras.

DE LUTO — No dia 17 de Maio p p., faleceu o sr. António José dos Santos, tio da sr.ª D. Adelaide da Silva Oliveira Cunha, esposa do nosso prezado colaborador sr. Rui Gonçalves da Cunha.

À família enlutada, em especial a este prezado colaborador, apresentamos sentidas condolências.

A Região do Norte

trabalha afincadamente na organização do

ACAMPAMENTO REGIONAL

Os Escoteiros do Porto e de Vila Nova de Gaia trabalham com entusiasmo para que o Acampamento Regional, a realizar nos dias 12 a 15 do mês de Agosto próximo, constitua uma manifestação que assinale o valor do Escotismo naquela Região. Embora de carácter regional, o acampamento terá projecção nacional porque para ele são convidados os escoteiros de todo o país. O Escotismo do Norte espera que todos os Grupos do Continente se farão representar naquela actividade, vencendo as dificuldades que naturalmente se levantam para essa interessante participação.

Entretanto, os serviços regionais instituíram quatro concursos, que se encontram abertos aos Escoteiros de todo o país.

Emblema do Acampamento

Foi aberto um concurso, cujo prazo já terminou, para execução do emblema do acampamento.

Pórtico do Acampamento

O projecto do Pórtico do Acampamento foi também posto a concurso. Este desenho feito em papel almaço branco deverá ser entregue na sede regional até 30 do corrente.

Canção do Acampamento

A Chefia Regional deseja que o acampamento tenha a sua marcha ou canção, à semelhança do que se tem feito nos acampamentos nacionais. Todos os escoteiros são convidados a participar neste concurso, com letra e música, podendo a letra ser adaptada ainda a uma música escoteira já conhecida.

Um jogo inédito

O último concurso refere-se a um jogo inédito para ser apresentado na Grande Festa do Campo, a realizar no dia 15 de Agosto. Este trabalho pode ser apresentado até 30 do corrente na Sede Regional, esperando-se que os escoteiros de todo o país participem no concurso.

Trata-se, portanto, de uma excelente oportunidade para que os Escoteiros de todo o país manifestem a sua simpatia pelos nossos irmãos escoteiros do Norte. Mãos à obra!

Fogo nas matas!

PREVENÇÃO

Estamos novamente no verão, época naturalmente propícia aos fogos nas matas e florestas. O calor fez secar a erva e restolhos, cobrindo o solo de um tapete quase explosivo que, uma vez incendiado, levará o fogo às árvores e provocará destruições cujos limites são difíceis de prever.

Importa, por isso, tomar todas as precauções para diminuir e evitar este perigo.

O Escoteiro, cuja actividade se desenvolve ao ar livre e em contacto com a natureza, beneficiando directamente das matas e florestas, onde estiver deve voluntàriamente constituir-se em auxiliar da prevenção do fogo.

A sua acção deve ter principalmente duas missões:

Vigilância e Prevenção.

Por vigilância compreende-se o trabalho de observação, apagando imediatamente qualquer pequeno foco de incêndio ou simples fogueira que encontre, dando o alarme, se a sua extinção não for possível com os meios de que possa dispor.

Por prevenção, entende-se o trabalho de enterrar vidros que se encontrem nas matas, aconselhar os fumadores a não lançar ao solo pontas de cigarro ainda acesas ou fósforos mal apagados, bem como a limpeza de locais que, pelo amontoado de detritos ou lenhas, possa fàcilmente ser pasto das chamas.

As fogueiras de cozinha devem ser instaladas segundo as boas normas escoteiras, procedendo-se à limpeza dos terrenos em volta, evitando-se as encostas de acentuado declive, onde o fogo se progaga com grande facilidade. O fogueiro deve sempre ter à mão uma pá, um balde de água ou terra, nunca abandonando a cozinha.

Terminada a cozinha, a fogueira deve ser cuidadosamente extinta, nunca cobrindo as brasas com terra enquanto restar qualquer lume.

Em ocasiões de festa convém também vigiar atentamente os locais onde possam cair as canas dos foguetes, pois estas podem levar o fogo às matas, sendo mesmo de toda a conveniência evitar o lançamento de fogo de artifício junto das zonas de perigo.

Portanto, onde estiver um Escoteiro está um vigilante do fogo nas matas.

O campo de adestramento dos Escoteiros Guatemaltecos

Os escoteiros da Guatemala possuem um Centro de Adestramento que é considerado modelar. Ao recinto, foi chamado *San Jorge Muxbal*, composto pelo nome do patrono dos escoteiros e pela palavra *muxbal* que, num primitivo dialecto da região significa *lugar envolto em nuvens*, correspondendo às características da região, pois em especial no inverno, se encontra sob forte neblina.

O parque está situado numa região maravilhosa, a 1.900 metros de altitude e apenas a 15 km. da Cidade de Guatemala. O local é, todavia, tão isolado que mais parece encontrar-se nas profundezas de uma floresta. Ocupa a área de 350.000 m² e destina-se ao treino dos caminheiros e a acampamento de escoteiros juniores.

Entra-se no recinto por um portão de ferro. Na vasta área do campo foram construídas diversas edificações: cozinha e refeitório; balneários; conjunto de construções destinado ao funcionamento de cursos mistos; sanitários; piscina de 25 × 10 metros; área para demonstrações de pioneirismo, campismo, orientação, etc.; campo de adestramento com 150 × 100 metros; secretarias; área para acampamentos; capela ao ar livre para serviços religiosos de diversos credos e ainda outros serviços necessários aos fins a que o campo se destina.

O Centro de Adestramento possui também uma extensa área florestal, cujo povoamento foi feito pelos escoteiros, com mais de 50 espécies arborícolas diferentes, reservado ao estudo da natureza e ao pioneirismo.



Sala de reuniões «Leo Borges Fortes» no Centro de Adestramento de Guatemala

O campo pode albergar 1.000 escoteiros debaixo da tenda, mas vai-se proceder à preparação de novos campos, para que, em breve, nele se possa realizar um Acampamento dos Escoteiros da América Central, no qual se espera tomem parte 2.000 rapazes.

Mas, a instalação do acampamento que mais interesse desperta para nós, portugueses, é a unidade destinada às reuniões. Trata-se de uma construção de telhado de colmo, que lhe dá um curioso aspecto rústico. Só tem a parede de fundo, mas, aos lados, as águas do telhado descem até cerca de 1 metro do chão. A esta unidade, de que publicamos uma fotografia, foi dado o nome de «Sala Leo Borges Fortes», o saudoso dirigente escotista brasileiro, morto há anos num acidente de aviação. Por esta homenagem, se verifica que o General Borges Fortes, grande amigo deste jornal e dos escoteiros portugueses, também era admirado na Guatemala, não só pelo seu fino espírito escoteiro, mas também pelo elevado índice das suas qualidades de dirigente.

O Inquérito de "Sempre Pronto"

Continuação da pág. 3

amigo do Escotismo, disse em versos lapidares na sua célebre poesia If:

If you can make one keap of all
[you winnings
And risk it on one turn of pitch-
[-and-toss,
And lose, and start again at your
[beginnings
And never breathe a word about
[your loss;
.....
Yours is the Earth and everything
[that's in it,
And — which is more — you'll be a
[Man, my Son!

Tenacidade e perseverança (no pólo oposto da teimosia e da obstinação histéricas tão caras aos nossos patrícios) são, efectivamente, as virtudes basilares do Movimento e é a elas que terá de fazer-se apelo para pôr de novo o barco a navegar.

Há, portanto, meus caros Camaradas, que «tentar uma mobilização de esforços para dar incremento aos Escoteiros de Portugal», pois «deixar as coisas como estão» seria crime imperdoável, sobretudo para com os veteranos que ainda vivem e recordam, com saudade, os tempos heróicos da infância do Escotismo. Sem a intenção de melindrar nenhum dos grupos antigos e actuais, salientarei, por dever imposto pela minha consciência, o admirável papel desempenhado por um grupo, a que nunca pertenci, e ficou gravado na história do Escotismo português — o Grupo n.º 1 — cujo panache *lhe deu lugar de relevo dificilmente ocupado depois pelos grupos que se formaram. Recolha-se essa lição admirável de altruísmo, de civismo, de abnegação, de caridade mesmo e veja-se como tal lição depois na vida se projectou através dos jovens tornados homens, muitos dos quais ainda vivem e cuja acção se tornou notada nos sectores em que tiveram de exercer a sua actividade. Aí está um ponto de partida.*

Mas esta já vai longa, demasiado longa para que os leitores de Sempre Pronto *possam aguentá-la até final, e no entanto não disse tudo aquilo que me parece deveria dizer. Mas eu, presentemente um «reformado», nem já na «reserva» me encontro... Outros, mais novos e com mais possibilidades, lancem ombros à empresa ingente de salvar o Movimento e comecem já, porque amanhã talvez seja tarde.*

Camaradas! por amor dos que tombaram pelo caminho e no passado tudo deram ao Escotismo: salvem o Movimento! As gerações futuras saberão ser gratas à vossa memória, porque nunca é em vão que um homem se dedica à nobre missão de trabalhar para elevar o Homem e incutir-lhe no espírito a dignidade da sua humanidade.

Vosso camarada e amigo que vos abraça

A. ALVARO DÓRIA
E. C. D.

Iniciativa de utilidade evidente

Continuação da pág. 1

de vista expostos e de retirarem deles as indicações úteis para o seu trabalho.

Tinha sido nossa intenção publicar um depoimento do nosso amigo e colaborador sr. José Manuel Pereira, chefe do Grupo 60, de Vila Real de Santo António. Porém, já depois de lhe devolvermos, a seu pedido, o trabalho que tínhamos em nosso poder, a fim de lhe dar maior desenvolvimento, este nosso amigo manifestou a vontade de não publicar o depoimento, desejo a que, com desgosto, tivemos de aceder.

Antes de terminarmos esta iniciativa, vamos finalmente publicar uma interessante sugestão que um nosso leitor nos remeteu acerca da organização dos caminheiros.

Eis o referido trabalho:

Outra sugestão — O movimento dos Caminheiros

É lamentável que não exista uma bem estruturada divisão de Caminheiros. Perdem-se assim elementos que poderiam vir a constituir um escol de Dirigentes Escoteiros, que assegurariam o progresso do Movimento.

A sugestão que nos chega propõe que em cada Região se organize um único Clã de Caminheiros. Tomando Lisboa como exemplo, diz o nosso correspondente: Todos os Caminheiros dos grupos de Lisboa ingressariam num único Clã, que teria a dirigi-lo um Chefe de mais de 30 anos, com dois ajudantes mais jovens.

Esse Clã seria, como é natural, constituido por diversas equipas, que estariam agregadas aos Grupos, mas sob a chefia directa do Clã. Constituído esse Clã, nenhum novo Caminheiro seria admitido sem ser proposto por uma Equipa e ter o voto de aprovação da maioria dos membros do Clã.

Cada Equipa escolheria uma especialidade a que se dedicaria intensamente. Montanhismo, Pioneirismo, Arte Dramática, Motociclismo, Transmissões, Aeromodelismo, Rádio-Amadorismo, Fotografia, Cinema, etc.

A par da especialização de cada Equipa, o Clã teria actividades comuns a todos os Caminheiros, com vista ao serviço social. Assim, os primeiros socorros, combate a incêndios, os serviços à comunidade, orientação do tráfego citadino, seriam intensamente praticados, de maneira a que o Clã estivesse preparado para servir em caso de emergência. Outros objectivos poderiam ser alcançados e seria nas reuniões magnas do Clã que se escolheriam as especialidades e se lançariam os programas.

Cada equipa praticaria um Desporto: Natação, Basquetebol, Voleibol, Patinagem, etc. Estabelecer-se-iam competições entre equipas, de maneira que o Clã pudesse também possuir equipas desportivas seleccionadas, que disputassem encontros com equipas estranhas ao Movimento.

O Clã teria também reuniões de natureza cultural Pedir-se-ia a colaboração de antigos escoteiros e seriam realizados colóquios sobre Música, Arte, Literatura, História, Ciências, etc., etc.

Procurar-se-ia que o Clã de Caminheiros fosse um Movimento de alto nível e pudesse despertar interesse na mocidade, dedicando-se os seus membros às matérias que mais lhe interessassem. O programa poderá parecer demasiadamente vasto, mas não significa que tenha de ser aplicado imediatamente na íntegra. Seleccionar-se-iam de início apenas duas ou três matérias de especialização. Quando os rapazes estivessem cansados, poder-se-ia mudar de programa, de forma a manter interesse permanente. Todos os Caminheiros se comprometeriam a servir dentro dos mais elevados ideais escoteiros.

Esta é mais uma ideia: Um só Clã em cada Região, mas um Clã de alto nível escoteiro! Será possível? Têm palavra os Dirigentes responsáveis.

Provérbios escotistas

- **Observe com os olhos do rapaz.**
- **Quem nunca fez erros, nunca fez guias de patrulha.**
- **A memória de um rapaz é tão longa como a cauda de um porquinho da Índia.**

SEMPRE PRONTO

Número 266

Junho de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

O Concurso de Encadernações

Uma oportunidade que não se deve desperdiçar!

Têm a palavra os escoteiros

Uma actividade 100 % escotista é esta que *Sempre Pronto* decidiu oferecer aos escoteiros portugueses, com a realização do CONCURSO DE ENCADERNAÇÕES.

Pretende-se que esta iniciativa se revele *simples — prática — útil!*

SIMPLES — porque a encadernação deve demonstrar o carácter escotista de facilidade de execução, isenta de complicações que só seriam exigíveis a profissionais.

PRÁTICA — porque se trata de um trabalho em que todos os escoteiros podem colaborar, cada qual no sector para que se sentir mais habilitado.

ÚTIL — porque, realizado o trabalho, a patrulha passará a dispor de um manual escotista de excepcional valor, com as suas mil e uma ideias e sugestões para valorizar o trabalho da patrulha.

Leiam, pois, o Regulamento que abaixo voltamos a publicar e lembrem-se de que as inscrições terminam no fim do mês que está correndo. Não deixem perder esta oportunidade de provarem o VALOR DA PATRULHA de que fazem parte.

Mãos à obra!

Além da própria encadernação que, com a colecção — COMPLETA!!! — de «Sempre Pronto», só por si constituirá um precioso brinde, valorizado com o índice remissivo que será oferecido às patrulhas concorrentes, estuda-se ainda a atribuição de outros prémios:

A cada uma das três patrulhas mais bem classificadas, a Fraternal oferecerá um prémio, que será indicado oportunamente.

AINDA MAIS: a Chefia Geral concederá o diploma das especialidades de ARTISTA e de ENCADERNADOR aos escoteiros que participem na execução das encadernações e das decorações.

Mãos à obra!

Não percam a oportunidade!

Vosso amigo
Napião Kapiá

Regulamento

1.º — Será enviada, a cada patrulha concorrente, uma colecção completa de «Sempre Pronto» até o n.º 250, para ser encadernada em volumes.

§ único — Do n.º 1, que se encontra esgotado, será enviada fotocópia.

2.º — A encadernação será feita num mínimo de 2 e num máximo de 4 volumes e executada segundo o gosto da patrulha, atendendo, evidentemente, às regras da encadernação.

3.º — Os volumes serão decorados com motivos escotistas, que poderão aludir aos 60 anos do escotismo.

4.º — Para efeito da concessão das especialidades, a que no jornal se faz referência, os volumes serão acompanhados de uma declaração, assinada pelo Chefe do Grupo, com os nomes dos escoteiros que executaram quer a encadernação, quer as decorações.

5.º — As inscrições para o concurso serão dirigidas para a Redacção de «Sempre Pronto» — Concurso de Encadernações — até ao último dia de Junho. Em face das inscrições, o júri procederá ao sorteio que designará as 12 patrulhas concorrentes, caso as inscrições ultrapassarem este número.

§ único — As inscrições serão acompanhadas de uma carta de apresentação do Chefe do Grupo.

6.º — As patrulhas participantes não poderão ser constituídas por menos de 5 elementos, os quais não terão idade superior a 18 anos, pelo que, na inscrição, será mencionado o nome e idade de cada um dos seus elementos.

7.º — O júri, constituído por 4 membros, apreciará a técnica de encadernação, o valor artístico e o valor escoteiro do trabalho apresentado.

8.º — Os trabalhos serão remetidos à Redacção de «Sempre Pronto», directamente ou pelo correio, até o fim de Setembro de 1967.

9.º — Os trabalhos, depois de classificados pelo júri e de serem apresentados numa exposição que poderá ser organizada, serão devolvidos às patrulhas.

10.º — As patrulhas obrigam-se a devolver a «Sempre Pronto» os jornais que não tiverem sido encadernados, jornais esses que lhes são entregues a título de empréstimo.

Constituição do Júri

Sr. Armando Morais, competente profissional encadernador, e escoteiro-chefe I. M. dos Escoteiros de Portugal, apreciará o valor técnico da encadernação;

Sr. Humberto Martins, distinto desenhador artístico, antigo escoteiro e digno presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal; pronunciar-se-á sobre o valor artístico do trabalho;

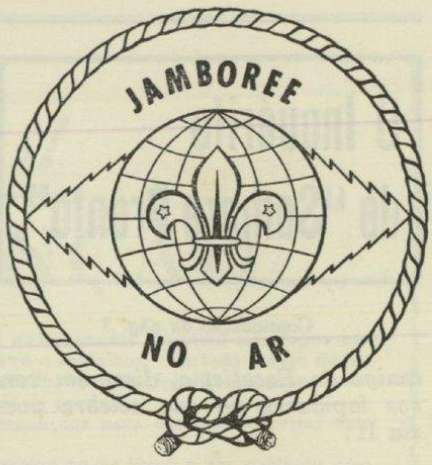
Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, figura relevante do movimento escotista e, actualmente, dedicado chefe geral adjunto dos Escoteiros de Portugal, analisará o valor escoteiro das obras representadas.

Haverá ainda um representante de «Sempre Pronto».

«Diário do Norte»

A secção «Escotismo», que o «Diário do Norte» regularmente publica, insere, numa das suas últimas edições, elogiosas referências a «Sempre Pronto», que mui gostosamente agradecemos.

Aproveitamos o ensejo para dirigir saudações escotistas aos irmãos-escoteiros que dirigem aquela útil secção do conceituado diário da Capital do Norte.



O 10.º Jambori do Ar

Vai realizar-se em 5 e 6 de Agosto

A data do Jambori do Ar, a realizar este ano, vai coincidir com a data do Jambori da Amizade, que se realiza nos Estados Unidos, integrando-se ambas as actividades nas comemorações do Jubileu de Diamante do Escotismo.

Por este motivo, uma estação de rádio amadora operará exactamente naquele grande acampamento, enquanto outra funcionará na Ilha Brownsea, onde B.-P. promoveu o primeiro acampamento experimental do Escotismo, do qual resultou a fundação do Movimento.

Como este ano foi consagrado à Amizade, espera-se que todos os Grupos de Escoteiros farão a diligência de participar em actividades de confraternização com escoteiros do seu próprio país ou de outros países, pelo que o Jambori do Ar é mais uma excelente oportunidade oferecida para a realização deste desejo.

As condições de participação são em tudo semelhantes às dos anos anteriores, recomendando-se a estrita observância das normas legais que regem a actividade de rádio amador, sabendo-se que as autoridades vêem com simpatia esta actividade. Por outro lado, os rádio amadores portugueses têm prestado aos Grupos de Escoteiros uma colaboração preciosa e gentil, única forma de tornar possível a actividade, tendo muitos deles oferecido já os seus serviços para o 10.º Jambori do Ar.

Todos os Grupos de Escoteiros portugueses podem, portanto, ter o privilégio de participar nesta actividade mundial, bastando para isso solicitar a colaboração de um rádio amador, que certamente lhe será oferecida com a maior simpatia.

No próximo número, «Sempre Pronto» dará informes acerca das bandas e códigos utilizados.